

Sábado, 1º de Novembro de 1958

RUBEM BRAGA

DE GATOS

COMO todo menino de coração bem formado eu tenho amor aos animais. Não a todos, é certo — mas também ninguém ama a todos os homens a não ser teóricamente. Meu amor inclui também os vegetais e mesmo os minerais: gosto de seixos rolados, e por onde ando costumo apanhar algum. E, se fôsse contar até que ponto sou amoroso, diria que um de meus sonhos era fazer uma coleção de nuvens — pena que meu apartamento seja tão pequeno.

Mas com toda essa meiguice d'alma não me comovo, antes me irrita um pouco, ao ler êsses protestos que os amigos dos animais, no Brasil e nos Estados Unidos, fazem contra o projeto brasileiro de pôr um gato na ogiva de um foguete em viagem à ionosfera. Pela reportagem feita com o professor Carlos Chagas sabemos que os gatos são usados para certas experiências no Instituto de Biofísica, e dois dêles lá estão com a cabeça furada, para estudo de um certo tipo de reação do sistema nervoso. Não é mais glorioso morrer no espaço que na frieza de um laboratório?

Fernando Sabino conta que já ouviu na rua um sujeito dizer de outro que «anda de gato na ogiva». Eu proponho para certas criaturas excessivamente excitadas a expressão «gato de foguete». O sr. Brizzola, por exemplo, é gato de foguete; o sr. Iânio, idem. E uma certa senhora de nosso «society», ah!, se eu pudesse dizer seu nome — uma que anda um tanto sófrega a badalar nas noites — cuidado, meu bem; qualquer hora começam a te chamar de gato de foguete.